



DL-01

Ses. Esp. 27/05/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial no “Mês da Diversidade LGBT”, pela passagem do recente 17 de maio, Dia Internacional contra a Homofobia.

Esta sessão especial é proposta pelos mandatos dos deputados Bira Corôa e Marcelino Galo e respaldada pela Comissão Especial da Promoção da Igualdade na Assembleia Legislativa.

Neste ato chamo para compor a Mesa a Srª Coordenadora do Núcleo Estadual LGBT, Paulette Furacão, que representa a Secretaria da Justiça do Estado da Bahia. O Sr. Wesley Moreira, representando o secretário estadual do Turismo. A Srª Coordenadora da Atras, Associação de Travestis e Transexuais da Bahia, Milena Passos. O Sr. Coordenador do Grupo Diadorim, Oswaldo Fernandez. A Srª Coordenadora do Grupo Enlace da Uneb, a Professora Suely Messeder. O Sr. Representante do Fórum Baiano LGBT, Wesley Francisco. A ativista do LGBT Srª Martinha Sá. E Ana Torquato, representando o gabinete do deputado Marcelino Galo.

Agora quero convidar para uma peça artística cultural, abrindo os trabalhos hoje, a artista Marina Garlen para que possa nos agraciar com a perfeição da beleza e da arte que ela vem desenvolvendo há décadas no nosso Estado e no País - por que não dizer? -, propagando também para o mundo que a arte não tem fronteiras, que a arte respeita mas não aceita tabus e que a arte é o maior instrumento de integração que a sociedade dispõe.

Vamos receber Marina Garlen.

(Apresentação musical.)

(Apresentação de dança da artista Marina Garlem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para convidar a senhora artista e transformista, Marina Garlem, para agraciar com sua presença a nossa Mesa. (Palmas)



É com uma satisfação muito grande que o meu mandato, juntamente com o mandato do deputado Marcelino e outros mandatos nesta Casa, participa dessa sessão especial no dia de hoje.

Reconhecer e conviver com a diversidade não pode ser visto como obrigação, mas como um ato de ação conjunta e permanente no contexto da sociedade.

Não defendo que temos que trabalhar no processo da tolerância, mas do respeito da condição igualitária e assegurar os direitos funcionais. Estar celebrando nesta Casa o dia 17 de maio como o Dia Internacional contra a Homofobia é para o plenário desta Casa e para o Parlamento do Estado da Bahia uma ação de compromisso, de respeito e de valorização pela sua própria sociedade e pelo contexto da sociedade em que estamos inseridos.

Quero externar que, no Brasil, estamos vivendo um momento de conquistas mas também de enfrentamentos cotidianos. No Congresso Nacional, podemos testemunhar que a indicação de alguém que se intitula homofóbico, de alguém que se assume racista, de alguém que se posiciona contra a expansão e a condição de ato e de escolha religiosa, mostrando todo o seu teor de intolerância, é nada mais nada menos uma chamada para a sociedade brasileira e por que não à sociedade baiana para um processo de reflexão e de enfrentamento. Aproveito para externar o meu repúdio pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal não ter tido o respeito, o compromisso com a sociedade baiana em colocar sob a condução daquela instância política e de representatividade do Poder constituído, alguém que tivesse pelo menos o bom senso de ter a neutralidade à qual ele está cumprindo uma tarefa. (Palmas)

Esta Casa, este Poder Legislativo, tem mantido um compromisso muito forte com a Comissão de Promoção da Igualdade. Estou à frente da Comissão da Promoção da Igualdade mas já estiveram nessa Comissão o seu criador, o então deputado Paulo Anunciação, o deputado Emiliano José, a deputada Fátima Nunes entre outros deputados que conduziram essa Comissão. E sempre tivemos a preocupação e o compromisso de que essa Comissão atuasse no contexto da neutralidade e que pudesse estar de fato representando as minorias neste Poder constituído e na disputa e na discussão do contexto da sociedade.



Não quero alongar-me porque a Mesa é composta de representantes que estarão também dando suas contribuições, mas quero, antes de concluir, chamar a atenção dos avanços que este momento tem nos permitido. Esses avanços não são méritos do Poder Legislativo, não são méritos do Poder Executivo. São méritos que devem ser pontuados como conquista de uma luta, uma luta intensa que vem sendo deflagrada ao longo de muitos anos, e que, graças ao momento político e ao cenário em que vive o Brasil, temos avanços na esfera nacional. No momento em que vive a Bahia sob a gestão do governo Jaques Wagner, com a perspectiva de consolidação de uma sociedade mais justa, mais igualitária e acima de tudo de implantação de políticas afirmativas, também a Bahia tem a destacar grandes avanços e que nós, ao longo dessa audiência, estaremos pontuando.

Quero agradecer a presença de todos, dar boas-vindas e dizer que este Poder Legislativo é o espaço da sociedade baiana e que a presença de todos que defendem o segmento e o movimento LGBT representa para esta Casa mais do que uma sessão especial, representa que o Poder esteja cumprindo de fato o seu papel de representante da sociedade e de fato constituir o direito de ser chamada de Casa do Povo, de espaço da sociedade, de espaço dos conflitos e dos debates, das concordâncias e das discordâncias, mas acima de tudo o espaço de construir a igualdade em que todos nós acreditamos e pela qual lutamos. (Palmas)

Então, com isso quero dar boas-vindas a todos e a todas e em especial a todos que representam uma luta cotidiana pela afirmação da sexualidade, pelo direito de orientação sexual, mas, acima de tudo, pela conquista de cidadania, de permanência dentro do contexto da sociedade pela livre escolha e pela livre orientação e não pela imposição de uma sociedade de domínio que ainda estamos por libertar.

Bom-dia a todos e a todas. (Palmas)



5605-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Osvaldo Fernandez

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Antes de conceder a palavra, vou fazer uma combinação com a Mesa. Vamos estabelecer o tempo de 10 minutos para cada orador da Mesa, se chegar próximo aos oito minutos, dou uma sinalizada para que possamos cumprir o horário, para todos da Mesa possam ter direito igual de pronunciamento e que ainda possamos abrir um espaço, se possível, para que as pessoas e as representações que estão no Plenário possam também participar.

Passo a palavra ao Sr. Osvaldo Fernandez, que é o coordenador do Grupo Diadorim.

O Sr. OSVALDO FERNANDEZ:- Bom-dia a todos e a todas, cumprimento o deputado Bira, que está ocupando um cargo muito importante na Assembleia, que é a Comissão de Igualdade. Em um País tão desigual, construir a igualdade ainda é a nossa utopia, Bira, e conte com a gente, com o apoio da Universidade do Estado da Bahia, praticamente com o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade – Diadorim. Não sei se vocês conhecem, mas o Diadorim este ano, em março, fez 10 anos, é uma das primeiras políticas afirmativas construída no País, no interior da UNEB da Bahia.

A Bahia sempre em vanguarda, e foi uma política afirmativa para a comunidade homossexual, formada por professores, homens e mulheres homossexuais assumidos da Universidade do Estado da Bahia e nossa missão é pesquisar temas importantes da nossa comunidade, como HIV/AIDS, a violência.

Fizemos uma pesquisa no País financiada pelo Ministério da Saúde, que avaliou de 2000 a 2007 todo o acervo catalogado pelo Grupo Gay da Bahia – o GGB, reunido em 30 anos e nós ampliamos, compramos clipagens e ampliamos esse banco de dados em um terço a mais do que o GGB já tinha. Além do trabalho do Mott, que há 30 anos vem sensibilizando a opinião pública e a sociedade brasileira para esse grave problema dos assassinatos de homossexuais no Brasil, especificamente na Bahia. Ele sempre teve uma resistência da



própria comunidade homossexual com esses dados. Colocavam a questão da metodologia, colocavam que eram dados secundários e eu pude ir para a Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, pude pesquisar a violência homofóbica no Brasil e nos Estados Unidos e garanto para vocês: não há no mundo um acervo tão grande de homossexuais, catalogados com nome, idade, cor e cenas como as que o GGB reuniu nesses últimos 30 anos, com a liderança do Prof. Luiz Mott e também com o trabalho de inúmeros ativistas.

O Diadorim debruçou em cima desses dados e foi fazer uma análise quantitativa e qualitativa desses eventos trágicos da sociedade brasileira. E nós acompanhamos e temos plena certeza que esses eventos continuam ocorrendo no País, por falta de um reconhecimento público de que nós necessitamos de uma lei. Assim como os negros, as mulheres, as crianças, os índios neste País tiveram as suas leis de proteção a sua integridade física e mental, nós os homossexuais necessitamos que sejam aprovada, urgentemente, a criminalização da homofobia no País.

É com a criminalização da homofobia e a garantia de que os assassinos serão punidos, nós poderemos reduzir as taxas de violência no País.

Então, a não criminalização, a não aprovação dessa lei no Congresso Nacional, tem sido um endosso, uma cumplicidade desses deputados, dessa ala chamada de cristã, que de Cristo não tem nada, tem sido cúmplices desses assassinatos. Esses deputados têm as mãos marcadas de sangue.

E é por isso que nós estamos aqui, para sensibilizar esses deputados, que esse tipo de violência pode ser reduzida sim, com políticas públicas racionais, com boa vontade do poder público e é necessário que atuemos o mais rápido possível, porque a cada dia, um homossexual tomba em praça pública como visto numa praça de Salvador há um mês atrás com um aluno da UFBA. Então, nós pesquisamos e a cada 66 horas, um assassinato é noticiado pelos jornais.

Isso significa que são os assassinatos que maior repercussão teve em suas localidades. E nesse sentido, os casos que nós inventariamos, que estudamos, que foram mais de 1.050 casos em oito anos, significa que esse número não reflete a realidade, provavelmente, devem ser três, quatro, cinco vezes mais o número de assassinatos.



Então, eu apelo para que todas as famílias deste País, porque em cada família há um homossexual, há dois, apelem para os seus deputados, para os representantes do povo para que aprovem a criminalização da homofobia.

Fomos analisar esses jornais e percebemos que nem toda cidade tem um jornal. Então, o que acontece na Bahia? Nós fomos analisar, nós fizemos um coeficiente de incidência de assassinatos contra homossexuais no Brasil, como fizemos no início da epidemia do HIV/AIDS, para saber qual é a incidência para cem mil habitantes. E o nosso resultado mais assustador e também está relacionado de que o melhor monitoramento da violência é o monitoramento local, municipal e diríamos que os dados da cidade de Salvador, estão, diríamos melhores monitorados do que no resto do País, nós podemos dizer que numa cidade, dessas dimensões, de três milhões de habitantes, uma cidade mega como Salvador, nós temos aproximadamente, três vírgula alguns casos para cem mil habitantes.

O movimento homossexual brasileiro está chamando a atenção para a violência contra os gays, mas está chamando a atenção da sociedade como um todo, porque é possível reduzir a violência contra gays, assim como é possível reduzir a violência no País como um todo. A violência contra a mulher. A cada duas horas uma mulher é assassinada. A cada quatro minutos uma é espancada.

Então, além dos assassinatos sumários da população negra na periferia das cidades, nós podemos com políticas públicas, com vontade política, podemos mudar a face trágica do nosso País. E nós chegamos em um momento que estamos amortizados de tamanha violência epidêmica e chegamos a naturalizar a violência. A violência não é só contra gays. Não é, mas por seu um País tão violento contra o seu povo, é também violento contra os gays.

E é chamando a atenção do poder público, de nossos representantes, que é possível sim, com boa vontade e muita solidariedade criminalizar a homofobia no País, é possível reduzir essa tragédia nacional. Assim como esse debate que os gays vêm colocar no espaço público, permite também discutir as questões das políticas para redução de homicídios em geral.

Construir igualdade num País tão desigual, com sujeitos de direitos estruturalmente desiguais, em posição de subalternidade, significa que precisamos construir políticas



específicas, políticas afirmativas, e nós não queremos nem mais e nem menos do que os outros movimentos sociais, como houve a criminalização do racismo, como houve a criminalização da violência contra as mulheres, como há a criminalização da violência contra os idosos, como há a criminalização das populações indígenas. Os homossexuais exigem respeito e exigem aprovação pela criminalização da homofobia.

Fico por aqui, pessoal. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5606-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Milena Passos

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para registrar a presença e convidar para compor a mesa a professora Amélia Teresa Maruz, superintendente de educação básica da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (palmas); convidar também para compor a mesa o deputado Marcelino Galo, (palmas) membro também da comissão; registro também a presença do deputado Deraldo Damasceno (palmas); Quero registrar também a presença do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Mulher de Cruz das Almas, aqui presente, (palmas); registramos também a presença de professores da Uneb (palmas); professores e coordenadores de Pedagogia do Semed (palmas); também a presença de técnicos de referência da saúde LGBT da Secretaria de Saúde; registro a presença de estudantes da Faculdade D. Pedro II; a presença do Coletivo KIO do DCE da UFBA, presença do ex-prefeito de Ouriçangas, Hildo. (Palmas)

Neste momento concedo a palavra a senhora Milena Passos, coordenadora da Associação de Travestis e Transexuais da Bahia, ATRAS. (Palmas)

A Sr^a MILENA PASSOS:- Bom-dia a todos e a todas, sinto-me muito honrada por estar nesta Casa e queria saudar em nome de todos e todas aqui os Srs. Deputados Bira Corôa e Marcelino Galo, saudar a Secretaria de Direitos Humanos por esta iniciativa, pelo calendário, saudar o governo da Bahia por ter dado essa abertura aqui, a sociedade civil organizada, as assessorias, porque foram importantes para isso acontecer.

Fiquei um pouco nervosa, mas é normal! (Palmas)

Sou LGBT. Sou LGBT. Sou LGBT. Porque é importante, eu sou LGBT, não sou só T não, sou LGBT. (Palmas)

Queria pedir o apoio desta Casa, o apoio do Governo da Bahia para que tenham mais ações desenvolvidas contra a homofobia, transfobia, lesbofobia, ações mais efetivadas para nós, mas não só isso, que é importante. Mas, há uma lei do passado, que Marta Rodrigues fez, em 2010, que esta Casa reveja essa lei, porque ela dá o nome social a travestis



e transexuais e que ela seja implementada em toda a Bahia, pois vai ser um avanço para a Bahia, porque outros estados já estão na frente e alguns municípios também, como Camaçari e Vitória da Conquista.

Essa lei é uma lei que dá um avanço social a esse segmento, porque um dia eu saí da escola – eu não gosto de falar de mim nunca, eu odeio falar de mim, eu falo do coletivo, porque eu acho horrível falar de mim - mas, um dia eu saí da escola, essa gagueira minha, esse treme-treme meu é reflexo do meu passado, porque um dia eu era aluno no colégio, as pessoas não me compreendiam na escola, às vezes, e quando eu chegava na escola eu sofria *bullying* por eu não saber nem quem eu era ainda, estava na fase de descoberta. Vocês imaginem para um aluno *gay* estereotipado, imaginem uma aluna trans ou uma aluna lésbica na escola. Então, é tudo muito difícil. Essa gagueira, talvez esse treme-treme meu é tudo reflexo do meu passado, as lacunas do passado.

Agora, eu estou voltando à escola, porque a escola é excesso de tudo, a educação está abrindo as portas para a gente, está de parabéns a educação, e eu peço a esta Casa, peço aos senhores desta Casa que vejam esta lei para a gente, porque é importante, é uma lei que vai beneficiar muitos trans, vai minimizar o preconceito, porque a gente está em busca do nome civil. Infelizmente, nós entramos na Justiça, 20 travestis, para conseguir nome civil, mas não foi aprovado, não foi deferido, infelizmente a juíza indeferiu o processo. Fico muito triste.

Na Bahia temos tido muitas mortes de LGBT's, eu falo LGBT's, porque temos muitas mortes isoladas. Agora a pouco aconteceu a morte de Itamar, que eu fiquei muito triste, eu andei até com a camisa dele, hoje eu vi Bárbara ali com a camisa dele e eu falei: ai, hoje eu não trouxe porque eu estou muito cansada e a camisa estava suja, não deu tempo lavar. Mas, eu vejo que estão acontecendo muitas mortes, e tudo é reflexo, reflexo, reflexo, reflexo, cada vez mais. A gente pede a aprovação do PL 122, que é uma lei sobre a homofobia, porque todos somos irmãos, se os meus irmãos negros podem ter leis, meus irmãos índios, meus irmãos quilombolas, meus irmãos idosos, porque eu, que sou gente também igual a eles, que pago impostos, sou cidadã não posso ter uma lei que me beneficie?



Eu não quero que ninguém me abrace nem me beije, mas, pelo menos, que me respeitem, porque eu sou cidadã, sou gente.

Aqui não é brincadeira não, os caminhos são árduos. Para eu estar nessa frente aqui, Ave Maria, eu olho para trás e tomo cada choque, quantos travestis já morreram, quantos *gays* já morreram, quantas pessoas já morreram no meu colo, ai, Roberto Santos, ai, HGE, ai, quantas pessoas! Eu fui a última pessoa, às vezes, a acalantar aquelas pessoas e dizer bem assim: ai, eu estou aqui, eu estou com você aqui, eu estou com você. Meu Deus do céu, vai precisar morrer mais gente - eu sou tão vítima quanto elas - para uma lei ser aprovada, uma lei que simplesmente vai dar dignidade a uma cidadã como eu, que sou ser humano, que pago imposto: Gente, pelo amor de Deus!

Eu peço a esta Casa que esta lei seja aprovada, que tenha essa abertura, porque o Estado é laico, não tem cor, não tem raça, não tem religião, o Estado é laico. Meus inimigos não são os cristãos, eu tenho grandes amigos cristãos, grandes amigos pastores, meus inimigos são os hemofóbicos, transfóbicos, transrofóbicos. Eu sempre falei, Feliciano nunca foi meu inimigo, a Igreja nunca foi minha inimiga, mas a grande questão foi Feliciano, porque ele assumiu um cargo na Câmara dos Deputados que ele não poderia jamais ter cor, raça, religião nem preconceito. A grande questão é essa. Se um outro cristão assumisse lá e fosse uma pessoa que não tivesse nem cor, nem raça, nem religião estava de parabéns, A igreja é nossa amiga, é nossa parceira, eu não tenho inimizade com a igreja não, a gente só pede dignidade. Somos cidadãos, somos seres humanos.

Está morrendo muita gente, quantas pessoas eu já vi morrer por várias vulnerabilidades, porque tudo é um conjunto de coisas. Imaginem o que é ser *gay*, lésbica, travesti e morar na periferia, aí, meu Deus do céu. Quando tem uma notícia na televisão, como a de Feliciano e outras notícias hemofóbicas, tudo reflete na gente.

Eu cada dia mato um leão para ser aceita, cada dia mato um leão para ser aceita, essa imagem minha aqui foi tudo para ser aceita pela sociedade, eu precisei, indiretamente, agir heteronormativo, porque eu sou normal igual a qualquer cidadão, para ser aceita, para as coisas acontecerem. O que eu estou fazendo aqui é plantando uma semente para as coisas



acontecerem, porque eu sei que o que eu faço é para as futuras gerações, porque eu ando cansada, juro a vocês, ando cansada, porque os caminhos são árduos.

Ai, nunca calcem meus sapatos, nunca percorram meus caminhos, não é, Martinha? Você sabe, você é uma grande veterana, você vai falar aqui, você vai ver, não é? Você mesma sabe, é uma das poucas sobreviventes. Quer ver, olhem para trás, as travestis da minha geração, todas da minha geração que estavam na rua, porque há pouco tempo que eu saí das ruas de Salvador, eu vivia nas margens das ruas, todas já morreram e só sobraram três ou quatro. Meu Deus do céu, gente, há 7 anos eu tinha várias amigas e cada uma morria de uma vulnerabilidade. Se tivesse uma lei lá que pelo menos beneficiasse a gente e minimizasse esse preconceito, que bom.

Tem um curso, agora, onde a gente lutou, não foi, Paulete? Nós lutamos, Almir lutou há muito tempo, e o curso está acontecendo lá no Corredor da Vitória, que para mim é uma semente, um curso de auxiliar administrativo para travestis. Esta semana já fui correndo para o SIMM para adiantar, porque minha proposta é para quando esse curso acabar, algumas daquelas travestis sejam inseridas em algum espaço.

Não quero que ninguém dê título a quem não tem título. Se ela tiver aptidão para servir cafezinho, ela vai servir cafezinho. Se ela tiver aptidão, como a Geane Luísa, que conheci criança, e hoje está terminando a Faculdade, graças a Deus, não cometeu os erros que muitas cometeram. Seus pais são maravilhosos, parabéns para seus pais, você sabe disso. Porque, se você está aí hoje, os responsáveis são seus pais.

No dia que você me procurou, queria ir para as ruas, e eu disse que não, o erro era seu. Eu disse para você voltar e estudar. Quando você me fala que está no último semestre de Publicidade, eu falei que vou voltar a estudar. Agora vou começar a estudar. Na época era difícil ir para escola. Eu sei o que Geane já passou, você mesmo fala da dificuldade que passou, para hoje estar na Universidade.

Foi muito diálogo político, meu, em cima de você e dizendo, 'Vá lá, cobre a Universidade para colocar o nome social'. Porque, é difícil, simplesmente, a gente não quer nem mais nem menos, só respeito, mais nada, queremos ser respeitados. Existem mulheres



que não prestam, existem homens que não prestam, existem gays que não prestam, existem lésbicas que não prestam e por causa de um, todos pagam.

Todos nós somos irmãos, está todo mundo no mesmo barco, todo mundo é cidadão, só queremos respeito. Meu sonho é ver travestis, gays e lésbicas estereotipados em várias esferas de trabalho. Por isso que esta semana fui ao SIMM, conversei com as pessoas responsáveis e eles vão lá no curso na semana que vem, para cadastrar umas meninas e poder tentar inserir algumas delas em alguma esfera de trabalho, já para ter maior abertura, não ficar só no estado.

E que esta Casa aqui abrace algumas daquelas meninas do curso, que estão terminando, uma ou duas, olhem para as que estão precisando, quem tiver aptidão para servir cafezinho ou como Geane Luísa, que está terminando a faculdade de Publicidade, mas está aqui junto com vocês, de alguma forma, entendeu? Isso é iniciativa, isso é minimizar o preconceito, a lesbofobia, a homofobia, a transfobia.

Muito obrigada a todos vocês. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5607-III

Ses. Esp. 27/05/13

Suely Messeder

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Coroa):-Neste momento, quero convidar para uma apresentação cultural, as Poderosas do Grite, de Mata de São João.

(Apresentação de dança) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Obrigado.

Quero conceder a palavra neste exato momento à Sr^a Suely Messeder, Coordenadora do Grupo Enlace, da Uneb. (Palmas)

Aproveito para registrar a presença do deputado Álvaro Gomes, presidente da Comissão de Educação, Ciência e Tecnologia do Poder Legislativo.

A Sr^a SUELY MESSEDER:- Bom-dia. Quero agradecer aos deputados Bira Corôa e Marcelino Galo por estar aqui presente. É sempre uma honra ocupar este espaço do povo, como falou o deputado Bira.

Vou começar o meu discurso com uma coisa que estamos pleiteando muito ultimamente que é o estado laico. E estado laico não significa não ter religião, significa ter, sim, religião. Vou começar, na verdade, pedindo para que vocês possam observar o símbolo religioso que há dentro deste plenário, que é o único símbolo, inclusive. Ele está ali presente. Se estamos pleiteando o estado laico, comecemos então a pensar na justiça religiosa dentro da nossa própria Casa que é a Casa do Povo. Então, ou se retira o crucifixo, ou se põe todos os outros. (Palmas)

E, nesse sentido, quero pensar, justamente, naquilo que nós da antropologia, ou das ciências humanas, temos feito no estudo sobre a sexualidade que é tentar fazer aquilo que no dia 17 de maio já foi feito: “despatologizar” a homossexualidade.

Há 20 anos, os estudos sobre a sexualidade têm crescido e têm crescido fortemente na nossa área. E a nossa grande reivindicação era justamente a “despatologização” da homossexualidade e assim foi feito. E, hoje, pensamos na “despatologização” também da transfobia.



Diante disso, quero relatar um fato que me foi narrado, há algum tempo, por Anamaiara que está aqui presente. E vou tratar exatamente da educação básica.

Bom, ela me interpelou na rua e me falou: “Suely, precisamos fazer alguma coisa com urgência, porque eu não aguento mais minhas colegas...”... E isso estou pensando na instituição escola, pensando como uma instituição que deve combater a homofobia, a transfobia, a lesbiofobia e todas as fobias. Ela me falou: hoje, assisti a uma cena muito terrível. Uma criança de 4 anos estava sofrendo *bullying*, estava sendo massacrada por outras crianças. A professora tirou essa criança do massacre mas ao mesmo tempo a massacrrou outra vez, tirou da violência física, mas colocou-a numa violência simbólica muito forte. Chegou para o garoto e disse: está vendo o que você faz. Você merece, você se fica requebrando!

O que temos feito é tentar diminuir o racismo institucional, a homofobia institucional, a intolerância institucional, que é começar por esta Casa: ou coloca todos os símbolos ou retira esse único. É um apelo que faço aqui enquanto acadêmica nesse momento que estou representando a Universidade do Estado da Bahia, então acho que merecemos justamente isso. Se se quer começar algum combate, porque se o combate é feito por pessoas, quem estava espancando a criança eram outras crianças, espancando de forma física, a professora fez de forma simbólica, se a gente quer fazer alguma coisa nesse sentido, vamos combater também de forma institucional.

Vamos, primeiro, começar: o que temos aqui que torna ou saca a dignidade de alguém? Se aqui nesta Casa tem um símbolo único que saca a dignidade das outras religiosidades, vamos então, ou incluir como um estado laico, que a gente quer, que é a possibilidade de ter um discurso igual para todas as religiões ou vamos então tirar. Isso não custa caro, quero dizer que essas políticas não custam caro porque é só simbólico, é só tirar ou colocar os outros. Se não quer ter o gasto de colocar os outros, então retira, é simples, não custa caro.

O que Milena estava colocando para nós, sempre gosto dos discursos de Milena, trata justamente disso. Ela traz o que foi materializado. O que foi materializado para ela? A exclusão da escola. Isso foi materializado. Alguém disse que a gente tem que ter um jeito que



tem que ser seguido por todos. Mas necessariamente que jeito é esse que tem que ser seguido por todos? Por que a gente exclui várias outras pessoas, por que a gente não inclui? Por que a gente na verdade trabalha numa lógica de exclusão e não de inclusão, e não de abraçar e acolher justamente aquilo que a gente deseja? O que a gente faz conosco? Essa é a grande questão. Se a gente quer pleitear a justiça, pleiteamos sim a justiça social, a justiça religiosa, a justiça racial, a justiça de mulher ou a justiça de gênero e a justiça erótica, e essas justiças, combinando, acredito que possam realmente avançar.

Acho que a Bahia tem avançado em alguns aspectos nesse sentido, pelo que tenho visto em outros lugares. Mas ao mesmo tempo acho que estamos no momento de refletir sobre coisas que não custam, o simbólico não custa muito caro. E o simbólico pode começar justamente pelas instituições, que é pensar numa igualdade de discurso. Se eu falo aqui sobre o candomblé, posso também falar sobre umbanda, posso falar também sobre espiritismo, se eu falo aqui sobre a heterossexualidade ou não se falo, porque ninguém fala, porque todo mundo nasce sendo, posso também falar da homossexualidade, de todas as outras questões sexuais que tenham consentimento.

Então, é justamente isso que nós, da Academia, temos buscado durante todo esse período, nós da área de Ciências Humanas, que é tentar trazer para as Ciências Humanas esse discurso que é biomédico. O discurso que colocou a homossexualidade enquanto doença e que a gente sabe que não é doença, mas ao mesmo tempo as pessoas querem reportar-nos a esse tempo, querem colocar-nos como uma doença. E como começar a pensar essas coisas.

Primeiro, se é um passo importante não falar sobre o homossexualismo... E todo mundo fala, e por que as pessoas falam? Porque não sabem da história, o que estava lá catalogado como doença foi o homossexualismo, não foi a homossexualidade. Por isso que as pessoas, hoje, querem mudar a palavra. Se a palavra, na verdade, é importante, porque cria símbolos, cria mundos, vamos tentar modificar justamente isso. E é assim que a Sociologia e a Antropologia constroem o seu discurso: através dos símbolos, e materializam no corpo, porque se a professora não tivesse feito isso...

Não sei se aconteceu isso com Milena em algum momento, não sei se Milena ou Paulete foram, em algum momento, consideradas como algo não aceito na escola. Deve ter



sido justamente isso que a professora fez: retirou da violência física e colocou na violência simbólica. E é isso que a gente tem que combater, é isso que a gente tem feito dentro das Ciências Humanas: tentar trazer esse discurso para um discurso mais digno, um discurso que está pleiteando a justiça em todos os seus sentidos.

Termino aqui meu discurso, imaginando que temos que lutar aqui pela dignidade humana, sim, como fala Milena, pensando na justiça, pensando nesse grande momento que estamos vivendo, que é, justamente, pensar o simbólico de igual para todas as regiões, para todos os segmentos da sociedade.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



5608-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Marina Garlem

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a artista Marina Garlem, que logo após terá outro compromisso.

A Sr^a MARINA GARLEM:- Bom dia a todos e a todas.

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a Deus, por estes momentos únicos.

Gostaria de saudar a Mesa, os deputados Bira Corôa e Marcelino Galo, todas as lideranças e as pessoas que estão presentes hoje. Infelizmente, a chuva atrapalhou um pouco.

Apresento-me. Meu nome é Marina Garlem, sou artista performática há 27 anos, e sou militante há alguns anos, mas, graças a Deus, sempre desempenhando um trabalho gostoso, maravilhoso. Fui convidada há pouco tempo para ser coordenadora do Grupo Saphos de Ilhéus, das meninas trans de lá, e todos os meses estou lá, compartilhando o trabalho com elas. Sou filiada ao Fórum Baiano LGBT, e do Fobong. Tenho a grande honra de estar sempre representando a Associação dos Travestis de Salvador - Atras, em nome de Milena Passos.

Gostaria de salientar essa questão da educação, porque, hoje, graças à militância, eu voltei a estudar. E voltei a estudar, como travesti que sou, bem resolvida. Uso banheiro feminino, sou chamada como Marina Oliveira, e não Marina Garlem, porque meu sobrenome de registro é Oliveira. Assino minhas provas como Marina Oliveira, o nome civil entre parêntesis. Infelizmente, estamos lutando há 4 anos por esse nome civil. A Milena tem-se esforçado bastante, mas, infelizmente, ainda não foi aprovada essa lei e nem a portaria. Nós estamos na luta, e as escolas, aos poucos, estão respeitando essa nossa condição, a nossa orientação sexual, a identidade de gênero.

Gostaria de parabenizar a Milena por essa provocação, sempre, e por ter tido, na semana passada, uma reunião com a Secretaria da Educação, para que faça uma portaria para que sejamos respeitadas, não só nós, como as meninas que estão ingressando nas escolas



agora, sofrendo com a exclusão nos banheiros e pelos nomes sociais. Isso é terrível, não pode acontecer porque estamos em 2013, no século XXI.

Quanto ao curso, vou pegar o gancho de Milena. Gostaria de agradecer ao nosso secretário Almiro Sena, ao nosso superintendente Ailton Ferreira, e a Paulete Furacão, nossa coordenadora maravilhosa, que nos tem dado uma sustentabilidade muito boa. Milena Passos fez essa provocação há 3 anos, quando fizemos uma reunião com as lideranças trans e a coordenação desse curso no Centro de Educação de Direitos Humanos, na Vitória, em que discutiremos o desenvolvimento desse estudo, que é de mera importância.

Nesta Assembleia, em nome dos deputados e de todos, como Milena falou antes, faço um apelo para que as profissionais capacitadas possam ser inseridas no mercado de trabalho. Já me inscrevi no ENEM. Estou falando por mim. E me preparo para fazer o curso de Assistente Social.

Eu tenho 47 anos, graças a Deus bem vividos, e quero chegar aos 57 já formada. Quando falo de mim, é porque quero que as meninas que estão vindo agora não tenham vergonha e gritem pelos seus direitos: Eu vou à escola. Eu quero estudar. Eu quero ser alguém. E eu tenho esse direito! Exija seu nome social na escola. Ela tem de respeitar os nossos direitos. Sou Marina para os meus colegas. Sou Marina para os meus professores. E sou Marina para todo mundo, até na minha casa.

Agradeço imensamente esta oportunidade a todos vocês, a Paulette Furacão, a Milena Passos, às lideranças, a Martinha, que é uma grande guerreira desde a época em que a ditadura era “babado”. Mas hoje você está viva, sã e salva, para poder nos contar.

Não ficarei por muito tempo com vocês, pois tenho reunião à uma hora e não ando de jatinho. Ando de buzu. (Riso.) Daqui para a Vitória é uma distância grande. Espero que tenham gostado do meu trabalho como artista.

Muito obrigada a todos vocês pelo carinho imenso. Agradeço a Wesley e toda a militância maravilhosa por terem me acolhido e abraçado. Todas as vezes que faço o meu trabalho artístico recebo aplausos e carinho. Obrigada!

Beijo no coração. Bom-dia a todos!



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Solicito a Marina que espere um pouco para receber a homenagem.

(A artista Marina Garlen é homenageada.)

(Não foi revisto pela oradora.)



5609-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Marcelino Galo

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao deputado Marcelino Galo. (Palmas!)

Registro a presença da “Associação LGBT Laleska D' Capri” e do Sr. Rafael Manga, representando o mandato da deputada Luiza Maia (Palmas!)

O Sr. MARCELINO GALO:- Bom-dia a todos e todas! Este dia chuvoso, com certeza, deve ter atrapalhado a presença maciça e necessária dos demais nesta Casa. Quero cumprimentar o presidente da Comissão da Reparação, companheiro Bira Corôa, e parabenizá-lo por esta iniciativa tão importante, assim como a todos da Mesa. O deputado Deraldo Damasceno, que é do setor da Segurança Pública, é importante que esteja aqui. E também o deputado Álvaro Gomes e todos vocês.

Nesta Casa, principalmente nos últimos tempos, temos ouvido muitas besteiras, fruto da ignorância, do ódio e do preconceito. Também ouvimos espertezas políticas daqueles oportunistas que pregam o ódio para colher votos através da pregação, da obscuridade e da ignorância, contribuindo de forma decisiva para consolidar o preconceito e o ódio na nossa sociedade.

A presença de vocês deve ser muito mais frequente aqui. Lamento o pequeno número. Façam como nas paradas gays, milhares de pessoas para ocupar este Plenário para educar um pouco os deputados sobre a forma como se manifestam aqui.

A professora também falou sobre o Estado laico. É importante consolidarmos, defendermos, lutarmos, parece uma coisa do século passado, professora, ter de defender o Estado laico. Mas tem também os que querem ocupar o Estado para fazer dele um instrumento de perseguição, um instrumento de uso do preconceito, o que é inconcebível.

Hoje, dia mundial de luta contra a homofobia, estamos aqui contribuindo com a participação desta Casa. Quero dar um grande abraço em todos vocês e dizer que temos de intensificar muito mais, de forma muito determinada.



Cumprimento nosso companheiro Wesley, que é do nosso gabinete (palmas), pela forma como milita, 24 horas no ar. Às vezes brinco com ele porque também têm algumas tarefas no gabinete, e eu digo “Wesley, se ocupe um pouco da nossas tarefas também”. Mas eu entendo. É ele quem organiza o nosso gabinete, quem nos orienta. Gostaria de parabenizá-lo em público pois gostaria de ver muitos militantes como nosso companheiro Wesley, não só nesse segmento, segmento que, com certeza, precisa ter a sua lei de proteção, pois todos os outros já têm.

Por que não há uma lei contra a homofobia? Não são os infelizes, os “infelicianos” da vida que irão nos barrar. Com certeza, vamos chegar, com muita luta, com muitos Wesleys, com muitas Milenas e com todos vocês fazendo essa grande luta.

Um grande abraço, e até à vitória contra a homofobia. Homofobia mata. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)



5610-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Álvaro Gomes

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou passar a palavra, para uma breve saudação, ao deputado Álvaro Gomes, quebrando o roteiro da Mesa, pois sei que o deputado também está com outro compromisso. (Palmas)

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Gostaria de saudar toda a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa e parabenizá-lo por esta importante sessão especial. Acho que a Assembleia Legislativa precisa se preocupar com temas como esse.

Na última sexta-feira também houve uma sessão especial importante da deputada Neusa Cadore, que falou e abordou a questão da educação inclusiva. Hoje, uma sessão especial também muito importante, que diz respeito à luta contra a homofobia.

Eu não poderia deixar de vir aqui fazer essa saudação especial e parabenizar o deputado Bira Corôa, saudar o deputado Marcelino Galo, Delegado Damasceno e todos os presentes aqui nesta importante sessão.

Já tivemos aqui algumas iniciativas nesse sentido. Apresentamos um projeto de lei que está em tramitação, Projeto 17.873/2009, que estabelece o dia estadual de luta contra a homofobia. Claro, tem o dia mundial, e estabelecemos o dia estadual para reforçar mais essa questão.

Alguns Estados já aprovaram leis do dia estadual, e o dia 17 de maio é um dia simbólico, é um dia importante, porque foi exatamente em 17 de maio de 1990 que a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade do rol das enfermidades. Essa é uma vitória da sociedade; é uma vitória da democracia; é uma vitória do respeito à diversidade. Precisamos, cada vez mais, buscar fazer com que a sociedade entenda e respeite a diversidade. A orientação sexual pertence a cada um, e cada um é que decide como vai se comportar. Portanto, nós não podemos aceitar a homofobia e esses crimes contra as pessoas que têm determinada orientação sexual.



Nós também apresentamos o projeto de lei do Dia Estadual de Luta, projeto de lei nº 17.873/2009. Apresentado em 2009, esse é um projeto simples e eu acho que não teremos tanta dificuldade para aprová-lo aqui. Já tem muito tempo que o projeto foi apresentado e ele já deveria ter sido aprovado, mas, infelizmente, não foi.

Há também outra proposição, o projeto de lei nº 17.872/2009, cuja a ementa determina a imposição de sanções a pessoas jurídicas por ato discriminatório praticado contra a pessoa em virtude de sua orientação sexual. Esse é um projeto que já é lei em São Paulo – pode ser que seja lei em outros estados –, e eu também o considero importante. Com certeza, esse projeto contribuirá na luta contra a homofobia, porque existem muitos atos de discriminação nas empresas, na sociedade como um todo e, se a gente determina sanções mais rígidas contra esses atos discriminatórios, nós estaremos contribuindo para que tenhamos uma sociedade, cada vez mais, harmônica e humana, uma sociedade que respeite, efetivamente, a diversidade.

Portanto, eu não poderia deixar de vir aqui para dar um abraço em todos vocês, para parabenizar o nosso companheiro Bira Corôa, deputado que sempre se preocupa com questões importantes com esta debatida nesta sessão especial, e para dizer que estamos nos colocando à disposição.

Hoje, uma das principais tarefas que exerço, aqui, na Assembleia Legislativa é presidir a Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público, comissão importante que também abrange o esporte. Acho que essa questão de respeito à educação, à cultura... Portanto, precisamos sempre estar juntos nessa luta.

Quero saudar todos vocês e dizer que podem contar com o nosso apoio, podem contar com a nossa participação que estaremos, aqui, juntos para que possamos, um dia, construir uma sociedade avançada, uma sociedade sem discriminação, uma sociedade sem preconceito, uma sociedade que respeite a forma de as pessoas serem, porque cada pessoa é diferente, cada pessoa... Todos somos seres humanos, mas cada pessoa é diferente, cada pessoa tem um ponto de vista, cada pessoa tem uma posição, cada pessoa tem uma tese, e nós precisamos defender as nossas teses com convicção, defender os nossos princípios com convicção, mas, acima de tudo, respeitar o que o outro defende, respeitar a forma como o



outro é, porque isso significa buscarmos uma sociedade humana, harmônica e justa, uma sociedade onde todos possam viver com dignidade.

Portanto, um grande abraço a todos vocês. Vamos à luta e até a vitória. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)



5611-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Delegado Deraldo Damasceno

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Registro a presença da representante do LGBT Amuleto Romary e do pastor Bira, representando o AMI-Brasil. (Palmas)

Concedo a palavra ao deputado Delegado Deraldo Damasceno para que faça uma breve saudação. (Palmas)

O Sr. DELEGADO DERALDO DAMASCENO:- Bom-dia a todos, como de costume, antes de me dirigir a essa plateia maravilhosa, quero saudar a Mesa citando o nome de cada pessoa.

Quero, neste momento, cumprimentar o Sr. Proponente da sessão e presidente da Comissão de Promoção da Igualdade, deputado Bira Corôa, de quem tenho a honra de ser colega e cada vez mais o admiro, porque, realmente, é um deputado que está comprometido com as causas sociais. E assim sendo, V.Exª se compromete não apenas politicamente, V.Exª se compromete com o bem-estar do seu semelhante, que é a melhor coisa que um homem pode fazer na vida, ou seja, ajudar o seu semelhante; é abrir os olhos dos demais para compreender que todos somos iguais, que todos somos filhos de Deus e que todos merecemos um tratamento justo e igualitário. Parabéns, Bira Corôa.

Quero cumprimentar a Srª. Coordenadora do Núcleo Estadual LGBT- SJCDH, Paulete Furacão; o Sr. Diretor de Serviços Turísticos da Secretaria Estadual de Turismo, Wesley Moreira, representante do secretário Domingos Leoneli; a Srª Coordenadora da Associação de Travestis e Transsexuais da Bahia, Milena Passos; o Sr. Coordenador do Grupo Diadorim, Osvaldo Fernandez; a Srª Coordenadora do Grupo Enlace, da UNEB, Suely Messeder; o Sr. Representante do Fórum Baiano LGBT, Wesley Francisco; a Srª Ativista LGBT Martinha Sá; a Srª Artista Transformista Marina Garlem; o Sr. Membro da Comissão de Direitos Humanos, comissão à qual pertenço, deputado Marcelino Galo, também comprometido com essas causas sociais. Isso não quer dizer que os outros deputados não



sejam, mas alguns saem na frente; a Sr^a. Superintendente de Educação Básica da Secretaria de Educação do Estado, Amélia Tereza Maraux.

Minha gente, meus irmãos, quero registrar a minha alegria por estar presente a um evento desta natureza, que retrata, mais do que qualquer outra coisa, algo muito importante e que nos foi ensinado pelo Mestre Jesus quando por aqui passou: amor ao próximo.

Essas homofobias, essas discriminações, de todas as naturezas, não existem só contra o homossexualismo. Elas existem contra os negros, os pobres, os renegados pela sorte, os religiosos, mas isso não é questão de lei, não é questão de termos um Estado laico, de coisa alguma, é falta de amor no coração do homem.

Muitas vezes serão necessárias ações desta natureza, empreendidas por deputados como esses que aqui se encontram, para que a sociedade tome conhecimento, consciência do respeito que tem que ter para com o outro, independente de qualquer posição social, econômica, crença religiosa ou opção sexual. Isso não é justiça erótica coisa alguma, isso é justiça social, isso é respeito a quem devemos respeito.

Aquele símbolo que ali está, é símbolo dessa natureza. É um símbolo que traz para qualquer um esta resposta, esta marca. Seja ao colecistostomia, ao evangélico, o católico, todos que aqui chegam, ao olharem aquele símbolo entenderão que ali está o símbolo de alguém que já passou por aqui e deu a própria vida pela humanidade, para que não tivéssemos as dificuldades que temos hoje. Na primeira carta aos Coríntios, capítulo treze, no final, Paulo fala que “restam apenas as três virtudes: a fé, a esperança e o amor.” E a maior delas é o amor. E é amor que está faltando em nossos corações. Estão prevalecendo o orgulho, a vaidade, o egoísmo, que trazem o desrespeito que assola a humanidade e traz, como consequência, a violência que nós vemos todo dia, a toda hora.

Antes de me tornar deputado, sou delegado de polícia. Cheguei a esta Casa, levantando bem alto, sem saber, sem querer, mas pela minha própria natureza, pelo ensinamento que tive na minha casa, pela minha mãe que me criou, a bandeira dos direitos humanos. Neste momento, o deputado Bira Coroa traz à baila o direito humano discutido neste âmbito.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Não tenho mais o que dizer, a não ser que Deus ilumine a todos os irmãos aqui presentes e, também, aqueles que não puderam vir. Proteja-nos, porque todos, todos, sem exceção, somos carentes de sua proteção.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5612-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Wesley Francisco

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao Sr. Wesley Francisco, representante do Fórum Baiano LGBT.

O Sr. WESLEY FRANCISCO:- Bom dia a todos e todas. Mais uma vez, estamos aqui reunidos na Assembleia Legislativa para discutir essas questões.

Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do Deputado Bira Corôa, proponente desta sessão; deputado Marcelino Galo; saudar, também, os dois deputados presentes nesta Casa, Deraldo Damasceno e Álvaro Gomes, que se colocou em sua fala como aliado à nossa causa e já tem alguns projetos de lei nesse sentido. O deputado Deraldo Damasceno já participou com a gente de outras sessões.

Quero saudar Jeane, Martinha, Milena, Paulete e, especialmente, Marina; as mulheres travestis e transsexuais, em especial, porque são elas que carregam no seu corpo, no seu dia a dia, essa bandeira que a gente defende, e que é tão difícil, que é o direito à sua identidade feminina, direito à sua autoafirmação; saudar as companheiras militantes lésbicas do Diadorim, do Amuleto, do Lesbibahia, do Quio, são mulheres “invibilizadas” no movimento, mulheres que buscam se afirmar politicamente, cotidianamente também dentro do nosso movimento; saudar, também, os funcionários desta Casa que estão trabalhando, é uma honra; e a todos que compareceram nesse dia complicado da nossa cidade.

Não é a primeira vez que a gente está discutindo essas questões nesta Casa Legislativa, mas é a primeira vez que estamos ocupando o Plenário, onde os deputados se reúnem para tomarem as decisões importantes.

Já estivemos em outros espaços, não é Bira? Já estivemos em sala de comissão, no Plenarinho, mas neste ano, quando pensamos, dissemos: – Este ano vai dar certo e vamos conseguir fazer no Plenário. Vamos mostrar, ocupar o espaço.

Acho que essa é uma coisa que já sendo feita já há alguns anos e é uma coisa importante, porque outro dia o presidente da Assembleia estava falando, num debate aqui



dentro, e eu estava ouvindo nos corredores, correndo para lá e para cá, com os papéis nas mãos: “Esta Casa recebe todo mundo, recebe os professores, os sem-terra, os homossexuais.” Realmente, ele marcou e marca, e ele sabe que esta Casa recebe essas pessoas.

Infelizmente, o dia 17 de maio é um dia que a gente celebra e, ao mesmo tempo, denuncia. A gente celebra porque, como já foi colocado aqui, nesta tribuna, foi no dia 17 de maio de 1990 que a Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade do rol das doenças. Com isso, veio o reconhecimento científico por parte da comunidade internacional de que a homossexualidade é tão legítima quanto a heterossexualidade, a bissexualidade, a transsexualidade, ou seja, estamos falando de sexualidades, as sexualidades múltiplas, as sexualidades dos seres humanos. Por isso, internacionalmente, em mais de 150 países, essa data vem sendo celebrada como a data mundial de luta contra a homofobia, contra a lesbofobia, contra a transfobia, porque ainda é necessário reafirmar essa luta.

Alguns países, até agora uma dúzia, reconhecem suas uniões civis, mas temos 10 países que ainda preveem pena de morte para os homossexuais.

Temos outras dezenas de países em que existem diversas punições para as pessoas homossexuais, bissexuais e transsexuais. É uma data para ser lembrada e celebrada no mundo inteiro. Celebrada, mas também de luta, uma data de unir forças internacionais para que cada vez mais a humanidade caminhe no sentido de reconhecer as identidades sexuais e respeitar as orientações sexuais de todos os seus indivíduos.

Essa data no Brasil, especialmente para nós, deve ser questionada e levantada por dois motivos. O primeiro é a enorme quantidade de assassinatos e violações dos direitos LGBT no Brasil. No ano passado nós tivemos 300 assassinatos de travestis, gays e lésbicas. Assassinatos muitas vezes com requintes de crueldade como enforcamentos, estrangulamentos, dezenas de facadas. São travestis vitimadas nas ruas com tiros, lésbicas mortas por membros de suas próprias famílias ou por métodos corretivos, digamos assim.

Fora esta triste cifra de mais de 300 assassinatos, tivemos outros milhares de violações dos direitos LGBT no Brasil que estão sendo catalogados pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Em dados divulgados no ano passado, mas



referentes a 2011, foram encaminhadas 6.800 denúncias ao Disque 100 sobre algum tipo de violência ou coerção pelo qual passou algum LGBT em algum Estado brasileiro.

Combater a homofobia é vislumbrar a possibilidade de que esses números possam diminuir, é vislumbrar uma sociedade na qual a gente não tivesse de vir à tribuna desta Casa denunciá-los. Por isso, essa data é importante porque vimos novamente reafirmar que todos esses dados servem para levantarmos a nossa bandeira, que já foi colocada aqui. Mas é importante também frisar a todo momento que há uma necessidade urgente de criminalização da homofobia no nosso País, através da necessidade urgente de aprovação do PLC 122, um Projeto de Lei da Câmara que tramita no Congresso Nacional e hoje está no Senado esperando um parecer.

O professor Fernandes fez a denúncia e já colocou aqui nesta tribuna a necessidade que outros grupos tiveram de ter leis semelhantes aprovadas. E esses grupos as tiveram. Mas não podem ser LGBT's que estão sendo usados como ponta de lança dum movimento conservador baseado em dogmas religiosos que busca nos colocar como inimigos da sociedade.

Enquanto nós estamos defendendo o nosso direito de amar o nosso semelhante, o nosso próximo, esse setor, através de todos os seus artifícios, como o seu poderio midiático de rádios e televisões, mobilizada, organizada e cotidianamente nos ataca com mentiras e calúnias, pondo na boca de militantes coisas que não foram ditas, fazendo o jogo de demonização de lideranças e colocando contra o Movimento LGBT e contra as nossas reivindicações.

É um movimento sério, conservador, organizado nacionalmente, organizado dentro do Congresso Nacional, que deve ser denunciado e tenta se organizar dentro desta Casa e das Câmaras de Vereadores, em todos os municípios em que existem orientações nacionais sobre isso, para inviabilizar toda e qualquer lei que diga respeito aos direitos dos homossexuais, aos direitos reprodutivos das mulheres, aos direitos da soberania das mulheres pelo seu corpo, ao direito à liberdade religiosa.

Isso deve ser denunciado. Temos de unificar nossas bandeiras em um Estado laico que, verdadeiramente, respeite seus indivíduos, não por suas opções religiosas, mas por



aquilo que eles, verdadeiramente, são: brancos, negros, judeus, deficientes, pessoas de todas as etnias e de todas as nacionalidades lutando contra o machismo, o patriarcado, a xenofobia, misoginia, o racismo, a homofobia, a intolerância religiosa, a intolerância geracional e dos diversos tipos de fobias.

Temos de nos unificar em um movimento contrário a esse movimento conservador religioso que quer transformar o Brasil em uma ditadura religiosa. Isso sucumbirá com os direitos das minorias e dos trabalhadores.

Encerrarei deixando um abraço especial para as pessoas que se dispuseram a estar aqui e para nossa companheira, Martinha, uma companheira histórica que traz uma experiência de vida marcante e que aponta o caminho para que todos nós possamos perceber que a estrada é longa, mas que as vitórias virão de acordo com a nossa capacidade organizada de lutar.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5613-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Amélia Teresa Maraoux

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a Sr^a Amélia Teresa Maraoux, representante da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

A Sr^a AMÉLIA TERESA MARAUX:- Boa-tarde a todos e a todas. Quero fazer uma saudação especial ao deputado Bira Corôa por esta sessão especial proposta pelo seu mandato, aos deputados presentes como Marcelino Galo que, como o deputado Bira Corôa, tem colocado seu mandato a serviço dos direitos humanos.

É muito importante, como já falamos na quinta-feira passada, quando estivemos aqui para a comemoração do Dia da África e, também, para a comemoração da implementação da lei 10.639 na educação, nas escolas e nas universidades.

Então, deputado Bira, é um prazer estar de volta. Mais uma vez, saúdo e coloco a importância do seu mandato para o processo de luta e combate a favor dos movimentos sociais. E, em nome do deputado, estendo a saudação a toda Mesa. E, em nome de Milena Passos, faço a saudação a todos os que estão representando o Movimento LGBT nesta Mesa.

Gostaria, também, de fazer uma saudação especial aos Movimentos de Mulheres Lésbicas e Bissexuais presentes, a LBL, Liga Brasileira de Lésbicas, em nome da professora Paiva, o Amuleto, a Bárbara Alves, ao LesbBahia e a todos as lésbicas e bissexuais presentes, ao pessoal da Secretaria de Educação.

Enfim, gostaria de dizer que estamos discutindo, desde quinta-feira passada, quando participei da sessão especial, na sexta-feira, quando estive com a deputada Neusa Cadore participando da audiência pública com relação à educação inclusiva, e vimos, nesse movimento, caminhando no sentido de discutir questões relativas aos direitos humanos, à inclusão das pessoas, os segmentos sociais que historicamente foram excluídos dos direitos na nossa sociedade. No lugar em que estou, obviamente eu não poderia dizer e não reconhecer que o processo de inclusão não se dará se nós não fizermos isso através da educação, Wesley, Fernandez, aqui representando o Diadorim, Suely Messeder, que não está



mais aqui na Mesa, mas dizer da importância e que sem educação não temos de fato possibilidade de mudanças. Eu penso aqui muito a partir da fala de Milena, que foi uma fala muito importante, emocionante, pontual, extremamente elucidativa daquilo que nós já vínhamos conversando – professora Kely, Denise, que estão aqui e são da Secretaria da Educação – com relação à educação e à garantia de direitos.

Nós temos discutido muito e temos hoje dados que nos mostram, dados das avaliações externas – o Ideb, o Avalie, que é o dado da Avaliação do Ensino Médio, o SGE, que é o Sistema Geral Escolar, que também nos dá dados importantes e que nos mostram a questão da qualificação da nossa educação, do grande índice de reprovação, de abandono que se dá, que temos visto nas nossas redes. Temos buscado qualificar esses dados. E a qualificação desses dados para nós é refletir em cima, todo ano, o dado de abandono das escolas e de reprovação, fazendo uma relação muito radical de elementos que promovem a exclusão dos meninos e meninas, que promovem o abandono e a reprovação. Não temos dúvidas de que a homofobia, tanto quanto o racismo, são elementos fundamentais para que nós, enquanto Estado, devamos enfrentar para garantia da permanência do ingresso e da permanência na escola de meninos e meninas LGBT, de jovens e adultos LGBT.

A nossa Marina, que está aqui, vocês que entraram no sistema escolar agora, sabem disso. É certo, Milena, que a garantia do nome social é fundamental, e estamos lutando, o Conselho Estadual de Educação já aprovou. Ou seja, o parecer de implementação da incorporação do nome social, isso já está tramitando dentro da Secretaria da Educação. A Secretaria já foi instada pela associação e pelo fórum para que o secretário, em reunião com Movimento LGBT, possa discutir sobre algumas questões que são colocadas, que não só na pauta dessa discussão não está só o nome social, a incorporação do nome social, mas aquilo que já falei anteriormente, que é a garantia do ingresso e da permanência na escola.

Então, esse é um dado importante. Temos entendido e buscado discutir, dentro da Secretaria, a importância da formação de professores e da elaboração de materiais didáticos. Isso é o que existe de mais complicado dentro da rede, por incrível que pareça. Estávamos falando, aqui na quinta-feira, o quanto de instrumentos, de materiais didáticos vêm sendo construídos ao longo desses últimos dez anos de implementação da lei nº 10.639/2003, com



relação à educação para as relações étnico-raciais. Com relação à educação sobre sexualidade, gênero e sexualidade, pouquíssimo se tem construído em termos de materiais didáticos, e exatamente por conta desse fato é que Wesley muito bem colocou aqui, que a professora Suely apontou, que o professor Fernandez aqui aponta também, que diz respeito à homofobia. E que isso toca fundamentalmente naquilo que foi colocado aqui também, há pouco, com relação à garantia do Estado laico e que foi tão fortemente criticado na sua fala pelo deputado que aqui esteve e saiu.

Portanto, a garantia e a discussão sobre o Estado laico é fundamental. Devemos assumir este discurso e esta discussão, sim! É o fundamentalismo religioso, não é o estudo sobre religião e a discussão sobre religião. Quanto à discussão sobre religião, devemos fazer e fazemos! E devo dizer a vocês que os livros de história, por exemplo, toda a história da humanidade, é contada antes e depois de Cristo.

Então, o que temos de discutir nos dez anos da Lei 10.639/2003? Dissemos que a discussão sobre religiosidade e sobre a lei termina esbarrando no fundamentalismo religioso e no desrespeito às religiões. Discutir, trazer a herança africana e afro-brasileira, discutir e mostrar a nossa sociedade e falar sobre as religiões de matrizes africanas são tão importantes como falar sobre o Cristianismo, como fazemos hoje nos livros de história. Claro, isso é para todo o mundo.

Portanto, fora da discussão da laicidade do Estado, não temos como discutir e rebater a homofobia na escola, garantir o acesso e a permanência dos nossos estudantes, porque tudo, que fazemos hoje com relação a esse conteúdo é fortemente repudiado, tanto por aqueles que estão na escola, e que têm o princípio do fundamentalismo religioso, como princípio educacional com aqueles que estão nos espaços de poder do Estado e do Legislativo em todos os níveis, como bem disse Wesley.

Portanto, para finalizar, digo que a Secretaria da Educação se coloca, sim, ao lado dos movimentos sociais e das universidades, porque essa discussão, professor Fernandez, tem que perpassar os currículos de formação de professores dos cursos de licenciatura das universidades. Não podemos deixar esta discussão sem que as universidades possam dar um



salto para além da pesquisa propriamente dita, da investigação, promover uma ação efetiva na discussão sobre seus currículos.

Então, queremos ampliar a discussão com o Diadorim, com o NEINB – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro –, com o Enlace, com o CUS-UFBA com todas as instituições, para que a possamos promover, com o fórum de LGBT, com a Associação de Travestis e Transexuais, com a Secretaria da Justiça, com a Secretaria da Saúde, uma ação intersetorial no sentido da garantia de direitos e do combate efetivo à homofobia.

Portanto, gostaria só de sinalizar que, também, sou integrante do Núcleo de Gênero e Sexualidade, sou professora da Uneb, pesquisadora e atuante do Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade – Daiadorim. Na campanha de 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres, estaremos colocando como lema da nossa campanha a garantia e o direito do Estado laico. Vamos fazer essa discussão na Universidade do Estado da Bahia e, também, nas escolas públicas do nosso Estado em parceria com a Secretaria da Educação.

Portanto gostaríamos de nos juntar a todos vocês no sentido de que a discussão com relação à “patologização” da homofobia possa ser repensada no sentido de que o que devemos combater como doença seja, de fato, a homofobia.

Obrigada! E estamos aí. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5614-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Martinha Sá

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para registrar a presença da deputada Luiza Maia. (Palmas)

Comunico que temos ainda dois oradores na Mesa a se apresentar e, depois, passaremos para a outra etapa deste processo, a não ser que a deputada Luiza Maia, também, queira fazer uso da palavra, pois tem todo o direito.

Concedo a palavra, neste exato momento, à Sr^a Martinha Sá que fará um depoimento.

A Sr^a MARTINHA SÁ:- Bom-dia. Eu sou Martinha, sobrevivente da ditadura e sobrevivente da homofobia. Estamos lutando contra ela e vamos vencer, porque eu, com oito anos de idade, já sofria o preconceito em casa.

Então, eu assinei a minha sentença. Vou lutar contra o preconceito. Estou aqui até hoje. Estou vendo. Sofri muito com pancadas da polícia, pois raspavam minha cabeça e colocaram piche. Deram-me doze bolos em cada mão com idade de 13 anos para eu ser homem. Eles diziam que homem tem de ser homem até os últimos degraus.

Então foi quando desisti. Insisti em viver minha vida. Estou lutando até hoje. Desde 1967 venho lutando. Vi tudo. Cheguei a ver tudo aqui. Vocês me desculpem, porque não sei muito me pronunciar. Vejam, sofri homofobia no colégio por causa do meu trejeito. Não pude estudar. A polícia invadia o quarto da gente para levar a gente para fazer a limpeza nas delegacias só pelo fato de ser travesti ou homossexual.

Eu fui um dos primeiros travestis, daqui de Salvador, a tomar hormônios. Naquele tempo, era uma afronta à sociedade. Um dia, eu perguntei ao delegado: por que essas afrontas a nós? A sociedade exige, mas não dão nada a vocês.

Mas, agora, eu estou vendo que vocês estão lutando. Nós vamos vencer a homofobia, porque tempestades piores já passaram. Vocês me desculpem, pois estou muito nervosa (palmas), porque estou vendo que vamos lutar contra a homofobia e vamos vencer.



Vocês me perdoem. Obrigada, Bira. Obrigada, Chris. Obrigada por este espaço. Perdoem-me. Fico muito ainda com aquele trauma da ditadura. (Palmas). Isto é reflexo do passado, mas, para qualquer coisa que precisarem, estamos aqui.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quem tem de pedir desculpas ou pedir perdão, Martinha, não é você, mas a sociedade pelos atentados e por toda a violência implementada a você e a todos os seguidores e seguidoras.

A Sr^a MARTINHA SÁ:- Muito foram mortos pela ditadura e poucos sobreviveram. Só há quatros de nós, vivos, que estão aí. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



5615-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Paulete Furacão

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Promover políticas igualitárias é, acima de tudo, reconhecer o erro de Estado ao longo do tempo e a reforma e a reconstrução desse caminho na proposta desta nova sociedade.

Quero, neste momento, conceder a palavra a Srª Paulete Furacão, coordenadora do Núcleo Estadual LGBT da Secretaria de Justiça do Estado da Bahia. (Palmas)

A Srª PAULETE FURACÃO:- Boa-tarde a todos e a todas. Boa-tarde, pessoal. Todos respondem:- Boa-tarde.

A Srª PAULETE FURACÃO:- Estão tristes por causa do trânsito, pois pensaram que iria atrapalhar a nossa sessão. De antemão, quero agradecer a todos e a todas que se dispuseram a estar hoje, nesta manhã, discutindo a questão da homofobia.

Gostaria de saudar o deputado Bira Corôa pelas iniciativa e pelo trabalho que vem desenvolvendo junto com o deputado Marcelino Galo. Os dois deputados estão nesta construção política. Quero saudar, também, a representante do curso de auxiliar administrativo, Jeane. Gostaria de saudar Bárbara Alves, representante das lésbicas, Sociedade Civil; a minha querida Eide Paiva, lésbica, também; representante da Academia do Movimento Negro, Rose. Em nome do representante do gay, Vinicius Alves, quero saudar todos e todas.

Em nome do secretário Almiro Sena, gostaria, também, de agradecer por a gente ter esta oportunidade de estar discutindo políticas públicas para o segmento LGBT numa casa, que a gente sabe, que tem uma dificuldade grande. Tem algo que me chamou a atenção neste espaço. Esta é a primeira vez que estou discursando nesta Casa. Quanto a esta imagem (mostra o painel pintado no Plenário), eu gostaria que todos pudessem observar, são imagens que refletem a diversidade.

E, aí, não precisamos falar deste Estado laico, porque já está contemplado. Neste painel pintado aqui, no Plenário, vemos as figuras com poucas representações femininas.



Mas estão, de alguma forma, simbolicamente, representadas. Cada deputado, quando se pensasse em vetar alguma lei contra a homofobia, que olhasse para esta imagem e pudesse visualizá-la e compreender qual é o papel de cada um nesta Casa.

Acho que, e sempre procuro dizer, por falta do entendimento do que seja a função de cada um é que nos apegamos a alguns valores, colocando as ideologias pessoais em primeiro lugar: não sou negra, sou branca, mas não vou entender as demandas da população negra; não sou deficiente, também não tenho que entender, porque vivo nessa estrutura que foi criada pela mídia. E nós, enquanto baianos, não fazemos parte dessa estrutura da sociedade e, de alguma forma, não nos fazemos presentes.

Então, temos que quebrar preconceitos, quebrar essa forma de estar nessa situação confortável que falamos, de não entender a necessidade do outro.

E, aí, se apodera de alguns assuntos polêmicos: já que sabemos que o ano que vem é de eleição e precisamos chamar a atenção para o nosso mandato. Acredito que é muito mais do que chamar a atenção para o mandato, é construirmos políticas para sociedade baiana.

Falamos: hoje discutiremos a cultura da paz. Como discuti-la se não entendemos a cultura do respeito? Se a gente entende o respeito, não discutiremos a paz, porque não é necessário.

Há outra coisa que quero citar: é a forma como foi construído o Maio da Diversidade LGBT. Já que fomos muito bem produzidos pelo seu mandato, deputado, gostei da logomarca. Maio da Diversidade LGBT ficou muito simbólico. E é isso mesmo que devemos fazer, essa construção. Não é uma construção de mandato, não é uma construção só da Secretaria da Justiça, não é só da academia, só do movimento social, mas foi uma série de segmentos que compreenderam que nós devemos, de alguma forma, estar viabilizando, porque não é o Maio da Diversidade, não é o maio da felicidade, é o maio de reflexões sobre pessoas que foram assassinadas.

Neste exato momento, nesta discussão que estamos tendo, existe alguém ou um LGBT que deve estar sendo discriminado, sendo agredido psicologicamente ou sendo morto, enquanto estamos aqui, discutindo políticas públicas para o segmento LGBT.

Então, é esta a construção que precisamos compreender.



E foi ao longo do maio mais exaustivo que, posso dizer, pudemos, de alguma forma, trazer esclarecimento sobre essas questões homofóbicas em nosso Estado em vários espaços, como hoje está acontecendo aqui. Enquanto ser humano, temos que compreender essas dificuldades do outro e que precisamos, cada vez mais, compreender o que essa imagem simboliza.

É a segunda vez que venho a este espaço. E me chama muito a atenção, porque me sinto, de alguma forma, representada nesta imagem. E deve ser assim que nós, enquanto seres humanos, enquanto sociedade, enquanto deputados eleitos pelo povo, que não foram eleitos para cuidar de um determinado segmento e, sim, para aprovarem leis que favoreçam a toda a sociedade baiana. Isso precisa ser muito bem construído, muito bem entendido. Assim, facilita a nossa vida. E deixamos o discurso do individualismo.

Precisamos crescer, construir, entender demandas, entender desses grupos vulneráveis como a questão das travestidas e transexuais, já que estamos construindo esse curso de auxiliar administrativo, mas já pensando nessa construção, que a própria Atras, com Milena, já está pensando. A gente estava discutindo bastante ali, na Mesa, e ela já se está articulando em outras redes para fazer essa inserção.

Então, não é apenas um curso promovido pela Secretaria da Justiça, mas o movimento social que está participando.

E outras e outras sessões de combate à hemofobia que estão sendo implementadas e que nós vamos estar intensificando, porque a gente precisa entender que a hemofobia está próxima, não é mais um problema de LGBT's, homofobia hoje é um problema social de todos os segmentos. Ninguém pode, hoje, expressar afetividade em qualquer espaço, porque pode ser confundido e confundida. A gente precisa compreender, a gente precisa lutar por essas discriminações, a gente tem que lutar por essas minorias, a gente tem que crescer enquanto ser humano.

É isso, acho que já extrapolei os meus dez minutos, e dizer que esse foi o 1º maio da adversidade LGBT, que outros virão e que nós estaremos nessa construção ainda mais eficaz. Foi a maior agenda do Brasil, porque não foi construída apenas pelo governo do Estado da Bahia, mas foi construída pela sociedade do Estado da Bahia. (Palmas)



Quero agradecer a todos e a todas que participaram dessa construção, porque foi uma construção bonita, uma construção coletiva. Não é, Lise, que estive lá e todos os que puderam, de alguma forma, como as meninas, porque a gente sabe da dificuldade do deslocamento, por questões financeiras, porque a sociedade não nos dá espaço, mas que estiveram lá construindo.

Então, a gente precisa agradecer a Marina, a Milena, a Sueli. Eu vou parar de agradecer para não esquecer algum nome e cometer uma falha. Agradeço a todos e a todas que puderam estar nesse momento para que a gente possa discutir e debater sobre homofobia. E a gente vai, enquanto Secretaria, enquanto governo, nós também pensamos nessa homofobia institucional, tanto que vamos lançar a cartilha LGBT para que possamos tratar melhor os LGBT's nos espaços, nas esferas de governo.

Obrigada, boa-tarde a todos e a todas. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5616-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Wesley Moreira

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a a palavra ao Sr. Wesley Moreira, Diretor de Serviços Institucionais, aqui representando o secretário Domingos Leoneli.

O Sr. WESLEY MOREIRA:- Boa-tarde a todos e a todas. Quero saudar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa e do deputado Marcelino Galo. Dizer que é com audiências, com sessões como essa que, efetivamente, a Assembleia Legislativa demonstra ser a Casa do Povo, ou seja, uma Casa que debate todos os temas.

Trago aqui o abraço do Exmº Sr. Secretário Domingos Leoneli, que pediu que eu aqui viesse representá-lo e aqui trazer um tema importante. Nós somos da Secretaria de Turismo e da Bahiatursa, e a Bahiatursa é responsável pela promoção do turismo, pela promoção do destino Bahia em todo o país.

E é nesse sentido que nós observamos um grande potencial, Sr. Deputado, no turismo de LGBT, e há 3 anos a gente vem estudando, observando, e no ano passado nós criamos a Semana da Adversidade, em sintonia com a 11ª Parada do Orgulho Gay, em parceria com o GGB. O resultado foi maravilhoso, em termos de mídia, identificamos que o mercado acolheu muito a proposta e esse ano, em virtude da excelência, do sucesso que obtivemos o ano passado, resolvemos ampliar as nossas ações na 2ª Semana da Adversidade e 12ª Parada Gay.

Vale ressaltar que esse esforço nosso está em sintonia com uma política desenvolvida no atual governo do Estado da Bahia, que é a criação de novos produtos turísticos. Até há muito pouco tempo atrás a Bahia era conhecida quase que exclusivamente pelo seu Carnaval, pelo sol e praia. Nós apresentamos outros produtos para o país, apresentamos ao Brasil o São João da Bahia, que é comemorado em 417 municípios; trouxemos para a Bahia a Stockcar; apresentamos para o Brasil o enoturismo, sendo que ali, no Vale do São Francisco, deputado Marcelino Galo, nós produzimos vinho e produzimos uva. E hoje a venda per capita, na Miolo Novare, na Cidade de Casa Nova, é maior do que na



cidade de Bento Gonçalves, que é a cidade original daquela vinícola. Nós mostramos para a Bahia que a Bahia é muito mais do que azeite, não é, Ana? Também é o escaldado, é a maniçoba, é a cachaça da Bahia. Quer dizer, tudo isso, efetivamente, transformou-se em produtos para a Bahia. Mostramos que a Bahia é bela, é única na sua diversidade, ou seja, queremos que as pessoas continuem vindo para o Carnaval da Bahia, queremos que as pessoas continuem vindo para comer a nossa moqueca, mas queremos também que as pessoas conheçam a Chapada e conheçam outros produtos.

E, é nesse sentido que o turismo LGBT, a Parada Gay, constituem-se em excelentes produtos. Na semana passada e aí quero reivindicar, Paulete, perdoe-me, também uma ação que fizemos no Maio da Diversidade, onde reunimos há duas semanas e trouxemos aqui a Presidente da Abrat, Associação Brasileira de Turismo GLS, porque era importante que sensibilizássemos os empresários do turismo.

A professora Marta trouxe dados esclarecedores, para que esse empresariado acordasse para o potencial desse mercado. Primeiro, a Parada Gay de São Paulo é o segundo maior evento turístico da cidade de São Paulo, perdendo apenas para a Fórmula 1, só que com um detalhe. Se formos observar o custo benefício, a Fórmula 1, para você trazer e manter em São Paulo, paga-se em alguns milhões de dólares. A Parada Gay, não.

E o resultado financeiro, aproximado, são dados da Abrat, circulam durante a Parada Gay de São Paulo, algo em torno de 360 milhões de reais. Além disso, esse público é responsável por 6% do turismo mundial. A gente sabe que o público GLBT está, no momento, na busca dos seus direitos sociais. O casamento civil, o direito à adoção. Mas, até este momento é um público que não tem como característica ainda, o filho.

A gente sabe que filho tem um peso significativo no orçamento doméstico e parte dessa atenção que seria voltada para a criação de uma criança, é destinada à satisfação pessoal, a sua formação acadêmica e intelectual, e uma parte significativa disso cai no mercado turístico. A Apple tem uma divisão especializada, voltada para esse segmento. Ou seja, nos estados Unidos, 90% desse público disponibiliza, por exemplo, de IFones, Ipads, quando a média naquele país é em torno de 20, 25%.



Então, do ponto de vista mercadológico, é um excelente investimento e nós trouxemos esses dados e o resultado, Sr. Deputado, foi fabuloso. Tivemos a presença dos principais hotéis de Salvador, produtores culturais, donos de boates. A mídia cobriu, de forma satisfatória e em virtude desses dados, Senhoras e Senhores, o governo resolveu investir, efetivamente, na construção da semana da diversidade.

Eu convido todos, a participarem de um grupo formado por diversas secretarias, para que a gente possa construir a programação dessa semana da diversidade. Ou seja, não queremos que o turista venha apenas para a Parada Gay, que é a terceira, hoje, em número de pessoas na rua. No país, perdendo apenas para São Paulo e para o Rio de Janeiro. Nós queremos que ele venha conhecer o destino Bahia. Nós queremos que os homossexuais, que os negros, que os heterossexuais, que todos saibam que o estado da Bahia é um estado hospitaleiro e é importante que com isso, a gente consiga qualificar. Inclusive, no ano passado, fizemos um curso de uma semana de sensibilização com a Polícia Militar, com a Polícia Civil, para que tanto a polícia pudesse conhecer o evento, como também o movimento pudesse ouvir as opiniões da Polícia Militar.

O resultado foi fabuloso e este ano, estaremos divulgando a semana da diversidade baiana na parada do Orgulho Gay, de São Paulo e nada mais, nada menos, vamos ter um trio elétrico na Parada com Daniela Mercury. Teremos um único trio elétrico com banda na semana da diversidade, na Parada Gay de São Paulo, e por que Daniela Mercury?

Além do momento em que ela vive, justiça seja feita, uma das poucas artistas baianas que estiveram presentes em todas as festas promocionais do estado da Bahia, e sem cobrar cachê. A artista Daniela Mercury, em todos esses anos, tem sido uma artista a divulgar em todas as campanhas publicitárias do estado da Bahia.

Então, nada mais, nada menos, até pelo momento que vive, estamos levando esse produto baiano que é o trio elétrico, o *show* baiano, para o estado de São Paulo. Tenho certeza de que com isto mostraremos para o mundo que a Bahia quer receber todos, que os nossos destinos estão preparados, e que estamos trabalhando para consolidar ainda mais os diversos segmentos. E, tenho certeza, de que este produto irá se consolidar e gerar empregos e renda para todos os cidadãos que vivem do turismo no Estado da Bahia.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA

Agradeço e saúdo a todos por esta excelente iniciativa, deputado Bira Corôa, presidente da Comissão da Igualdade. E deixo aqui o abraço do secretário Domingos Leonelli e dos nossos companheiros que trabalham na Bahiatursa, Secretaria de Turismo. Saudações. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



5617-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Vinícius Alves

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, mais uma vez, ao secretário Domingos Leonelli e a toda sua equipe pelo compromisso e, acima de tudo, pela disposição em contribuir com esta Casa.

Por uma questão do elevado da hora - temos um limite porque este é o Plenário principal e tem que ser preparado para a sessão às 14 horas-, vou pedir, inclusive, desculpas ao Plenário porque não vou conseguir abrir para a fala do Plenário em função do tempo.

(O Sr. Vinícius Alves pede para que ele e outras pessoas possam falar ainda.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou quebrar aqui, porque também seria injusto numa sessão especial não fazer.

Vou abrir duas falas por três minutos. O senhor fará logo uso. V. S^{as} estão inscritos representando a todos e a todas.

Logo em seguida, vou fazer uma breve homenagem. Como surpresa, temos a cultura na Comissão de estar sempre identificando e homenageando simbolicamente, marcando o ato e reconhecendo a contribuição de forma coletiva, não vamos fazer a homenagem nominal a todas e a todos, mas simbolizaremos, pelo menos, representando todo o segmento. E, logo após, teremos um coquetel de encerramento.

Com a palavra Vinícius Viana.

O Sr. VINÍCIUS VIANA:- Primeiro, bom-dia a todos. Chamo-me Vinícius, sou da direção executiva nacional da ABGLT - Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. Desculpem eu ter pedido a palavra, mas acho que é um momento tão histórico e tão simbólico nós ocuparmos o Plenário desta Casa Legislativa que não dar a palavra às pessoas que estão aqui compondo a sessão seria perder uma parte da pluralidade, da diversidade que viemos hoje aqui justamente afirmar.

Uma parte da minha fala, algumas pessoas já comentaram. Isso aqui é parte do processo de mobilização e de construção coletiva que é o Maio da Diversidade. Pelo



primeiro ano a Bahia mostrou que a sua militância tem forças para compor um dos maiores e mais mobilizados calendários de afirmação dessa data que é o 17 de Maio que é uma data histórica de luta contra a homofobia. E essa luta contra a homofobia, este ano, traduziu-se em diversas mobilizações.

Vimos, no início do ano, a eleição de um pastor homofóbico e racista para presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara e isso se refletiu numa série de mobilizações por este país pedindo o fora desse deputado que é o Fora, Feliciano! Essas mobilizações, não à toa, não foram muito divulgadas pela mídia e pelos oligopólios midiáticos quando, na época, competia-se com a eleição do novo papa. Então, enquanto o povo estava nas ruas pedindo por democracia e pedindo por uma representatividade na Casa supostamente do Povo, que é a Câmara dos Deputados, víamos a mídia justamente servindo aos setores que não contribuem para uma sociedade da pluralidade, da diversidade, e não mostrando que estávamos nas ruas lutando por democracia.

Eu queria parabenizar o deputado Bira Corôa e os deputados que estiveram presentes nesta sessão. Dos 63 deputados, não foram nem 10 os que participaram desta sessão, o que mostra um sintoma muito grave desta Casa.

Subimos a este púlpito para falar que a Câmara Federal não tem nenhum projeto de lei aprovado, mas a Assembleia Legislativa da Bahia não tem nenhum projeto de lei aprovado também, diferentemente de outras Casas estaduais nas quais temos o Dia de Combate à Homofobia, sanções administrativas para discriminação de homofobia, reconhecimento do nome social, algumas já estão debatendo, inclusive, a estruturação de um sistema estadual de políticas públicas LGBT e nós, sequer, conseguimos passar os nossos projetos nas primeiras comissões aqui. Então, temos que debater também o papel que tem o Legislativo em nosso País e em nosso Estado para a construção da cidadania do LGBT, pois ele tem sido ausente e omissos nessas questões.

Uma outra questão importante para debatermos é em relação às políticas públicas no Estado da Bahia. Sabemos que a construção desse calendário foi um esforço coletivo e que devemos, obviamente, parabenizar e cada vez mais aprimorar esse método de construção coletiva, esse método que chama o movimento social construído. Mas quais são as políticas



que efetivamente vamos deixar para os LGBTs da Bahia, sendo que temos um contingente de mais de 400 casos de homofobia denunciados, só em 2011; e mais de 450 casos, em 2012.

Então, a partir dessa demanda real de violência, não estamos falando só de morte, mas de violência simbólica, a partir dessa demanda real o que vamos traduzir de políticas públicas. Que esta sessão, Bira, sirva para a gente mostrar aos deputados que os LGBTs têm demandas reais e que esta Casa não pode se furtar ao debate das estratégias necessárias para superar esse quadro.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



5618-III

Ses. Esp. 27/05/13

Or. Jenane Louise

Homenagem ao Dia do Orgulho Gay.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar as presenças de Amanda, representante do mandato da deputada Maria del Carmen; de Liz Gomes, presidente do grupo Omini Bahia; Genilson Santos, do presidente da Associação de Moradores do Vale das Muriçocas; do Pastor Bira Santana, representando a AME Brasil; do Pastor Sérgio Damasceno e do Bispo Sinvaldo da Silva Cruz.

Com a palavra a Sr^a Jeane Louise.

A Sr^a JEANE LOUISE:- Boa-tarde a todos.

Quero parabenizar o deputado Bira Corôa e quero fazer um informe, complementando a fala de Milena. Em relação ao pedido que fizemos, demos entrada na Justiça em relação ao nome social. A juíza que negou o pedido das 20 meninas, eu pedi separadamente e ela negou o meu pedido também, se chama Sr^a Pilar Célia Tobio de Claro.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



DL-02

Ses. Esp. 27/05/13

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradecemos pela presença também de Guida, da Sesab.

Antes de passar à última etapa desse evento, quero registrar que nesta Casa tramitam, por autoria de diversos deputados, matérias que dizem respeito a essa temática. O deputado Álvaro Gomes fez um pronunciamento aqui citando dois projetos de sua autoria e outros deputados também. O que aconselho é que sejam encaminhadas para os setores organizados, para as entidades todas as matérias que estão tramitando aqui, até porque é importante para esta Casa que possamos acompanhar e cobrar deste Parlamento, porque temos matérias de 2007, 2009, 2010, 2011 que não tiveram avanços e ainda estão tramitando nas comissões, algumas já arquivadas, e os segmentos sociais devem se apoderar desse processo.

Temos aqui de 2010, tramitando nesta Casa, como indicação ao governo do Estado, a criação de uma delegacia de combate à homofobia e à intolerância religiosa. E avaliamos que é extremamente importante porque o segmento LGBT é duplamente violentado quando vai a uma delegacia para prestar uma queixa na perspectiva de abrir um processo ou dar encaminhamento a um processo de investigação e chegar até a punição do possível agressor. E duplamente violentado porque a receptividade nas delegacias por si só já configura uma violência, que a gente costuma chamar de homofobia institucionalizada, porque o despreparo dos serventuários e conseqüentemente da estrutura da própria polícia leva a isso.

Então, temos como meta também ter na Bahia uma delegacia especializada para prestar um serviço de responsabilidade e compromisso para com o segmento. Assim também, há uma série de outras matérias que não citarei aqui em função do tempo. Mas é bom que os segmentos apoderem-se dessas iniciativas parlamentares, ajudando com as reivindicações dos segmentos e movimentos sociais.



Temos, como princípio, nesta Casa do Poder Legislativo e na Comissão Especial da Promoção da Igualdade, simbolicamente, a fim de reafirmar as lutas e configurar o reconhecimento pelo trabalho transformador, homenagear personalidades ou instituições que desenvolvem destacados papéis na afirmação de uma sociedade mais justa, mais igualitária.

Convido o deputado Marcelino Galo para entregar a homenagem a Sr^a Milena Passos, coordenadora da Associação de Travestis e transsexuais de Salvador – ATRAS.

(O Sr. Marcelino Galo procede à entrega da homenagem a Sr^a Milena Passos.)
(Palmas)

A Sr^a Milena Passos:- É uma grande honra receber esta homenagem. Até me tremi quando o deputado Marcelino Galo levantou para me entregar o troféu, porque eu não imaginava que iria recebê-lo. Este troféu não é meu, é dos LGBTs e das Trans.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a professora Amélia Tereza Maraúx para entregar a homenagem a Sr^a Paulete Furacão, coordenadora do Núcleo Estadual LGBT da Secretaria de Justiça do Estado da Bahia.

Não ficarei fora da foto, não. Depois eu tiro a foto com todos os homenageados.

(A Sr^a Amélia Tereza Maraúx procede à entrega da homenagem a Sr^a Paulete Furacão.) (Palmas)

A Sr^a Paulete Furacão:- A luta continua: Bahia sem homofobia! Beijão.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Peço licença para convidar alguém da assessoria que nos ajudou a organizar este processo. Convido Lindinalva, em nome de toda assessoria e dos serventuários desta Casa que nos ajudaram construir este evento, para entregar a nossa homenagem a Sr^a Marina Garlem, artista transformista do nosso estado, a qual nos honra muito.

(A Sr^a Lindinalva procede à entrega da homenagem a Sr^a Marina Garlem.) Palmas)

A Sr^a Marina Garlem:- Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus e, sempre, a todo este movimento maravilhoso, esta militância maravilhosa, como eu disse antes, que me tem abraçado. Este é um prêmio muito emocionante. Pela primeira vez, recebo um prêmio como reconhecimento diante de uma Assembleia.



Estou sem palavras. Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Não foi intencional, não, mas ocorreu a coincidência de ser de Wesley para Wesley.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Wesley Moreira para entregar a Wesley Francisco a homenagem.

(O Sr. Wesley Moreira entrega a homenagem para Wesley Francisco.)

O Sr. Wesley Moreira:- É uma ótima coincidência. Fomos contemporâneos no Movimento Estudantil. Então é de Wesley para Wesley. Parabéns, irmão!

O Sr. Wesley Francisco:- É verdade. Dedico esta homenagem à militância do Estado, aos 84 grupos filiados, ao Fórum Baiano LGBT. O orgulho é para nós todos. (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Permito-me fazer a entrega da última homenagem. Convido uma companheira de luta que honra muito o Partido dos Trabalhadores e a Frente de Luta LGBT no nosso Estado, a Sr^a Bárbara Alves. (Palmas!)

(O deputado Bira Corôa entrega a homenagem à Sr^a Bárbara Alves.)

A Sr^a Bárbara Alves:- Boa-tarde a todos e todas! O pessoal realmente aprontou comigo agora. Na realidade, farei uso da palavra para agradecer a algumas mulheres lésbicas do Estado da Bahia que vêm construindo essa Quarta Onda, como chamamos o movimento.

O Movimento Lésbico hoje está representando na minha pessoa, mas de alguma forma quem recebe esta homenagem é Zora Yonara, que começou esta luta há muito tempo, Ana Cristina, que é a negra Cris, Cláudia Café, Daniela Novaes, Nildes Sena, nossa companheira Lis e a nova geração que temos: Rebeca Benevides, Tamila dos Santos, Raphaela Oliveira, que mesmo de longe está perto, Jamile Sena, do amuleto, e nossa companheira Virgínia Nunes, representante da LBL.

Temos uma meta: não queremos construir estrela, mas sim uma constelação. Essa constelação de lésbicas, com certeza, está travando uma luta para fazer uma sociedade mais justa.

Muito obrigada. (Palmas!)



O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Não poderia deixar de reconhecer todo um processo histórico-cultural, acima de tudo, de desafios implementados. Lá atrás alguém teve a coragem e a ousadia de assumir a luta e se postar diante da sociedade, mesmo com a intensa repressão e discriminação.

Convido Paulette Furacão para entregar o símbolo desta luta à Martinha Sá, primeira travesti assumida que se dispôs ao transformismo na Bahia. (Palmas!)

(A Sr^a Paulette Furacão entrega a homenagem à Sr^a Martinha Sá.)

A Sr^a Martinha Sá:- Deputado Bira, obrigada de coração. Se precisar, estamos aqui. Desde 1968, luto contra o preconceito.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Sei que todos e todas mereciam levar também uma honraria por identidade pela luta. Reconhecemos isso a todos e faremos algumas fotos, se necessário.

Antes de encerrar, quero externar mais uma vez a minha satisfação por ter participado deste ato nesta Casa. Aproveito para agradecer ao deputado presidente desta Casa exatamente porque tem conseguido por em prática um viés significativo para implementação da democracia, para conquista de um novo tempo do Poder Legislativo. O deputado tem permitido, na condução desta Casa, que as ações de interesse da sociedade de fato aconteçam.

Agradeço aos deputados que compõem a comissão, permitido trazermos para esta Casa debates e discussões, na sua grande maioria, polêmicos. Agradeço aos deputados que participaram desta comissão e estiveram presentes, ajudando a construir esse ato, deputado Marcelino Galo, parceiro nessa frente de luta, deputada Luiza Maia, deputado Álvaro Gomes, deputado Deraldo Damasceno, deputada Maria del Carmen, entre outros deputados que eu poderia listar.

Em especial, agradeço a todo o segmento, aos setores organizados da nossa sociedade, porque a transformação deste país e a transformação da nossa sociedade não seria possível se a sociedade não incorporasse esse processo de luta.

Aproveito para agradecer em nome do meu irmão Cosme, grande contribuidor dessa comissão, e, em seu nome, Cosme, agradecer a todos que compõem a assessoria dos



nossos mandatos, Marcelino, que ajudam a construir e nos permitem desenvolver as nossas atividades.

Agradeço, em especial, aos servidores desta Casa. Já estouramos o horário, muitos já estão com o horário de almoço comprometido, mas não sentimos pressão em nenhum momento, nenhuma tentativa de encerrar a sessão. Isso, para nós, é muito gratificante, a cumplicidade que o servidor desta Casa tem tido para com as atividades desta Casa, em especial com a nossa comissão. Agradeço também ao setor de Comunicação de Imprensa da nossa Casa. Encerro, agradecendo também pela presença de todos e todas.

Esta Mesa não apenas representa um ato, mas dignifica o processo de luta e o processo de construção e transformação de uma sociedade que, acreditamos, pode ser, de fato, uma sociedade igualitária. (Palmas)

Sem mais, declaro encerrada a sessão, e convido todos e todas para tirarmos uma foto com os homenageados e, em seguida, participarmos de um breve coquetel aqui no salão dos antigos presidentes.